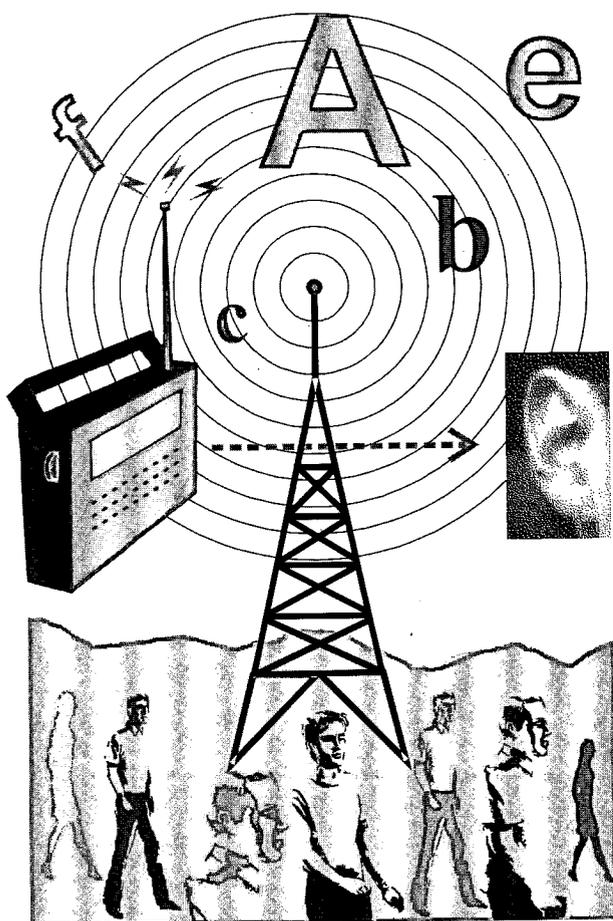




Rádios Comunitárias como Rádios Educativas: explorando os potenciais educativos do rádio e das rádios comunitárias

Mauro Sá Rego Costa*



Resumo

Esboça-se aqui uma concepção de rádio comunitária/educativa de modo transversal, com os conceitos da filosofia política de Negri, Lazzarati e Cocco – *trabalho imaterial, general intellect* etc. – que tornam indiscerníveis fazer política, criar coletivos e produzir e consumir cultura e/ou bens materiais; associados à concepção sonoro-política do *ritornelo* de Deleuze e Guattari e às teorias contemporâneas da “escuta”, de Murray Schafer e François Bayle. Aplica-se esse dispositivo teórico em uma abordagem do movimento de rádios comunitárias no Rio de Janeiro e, particularmente, à experiência de montar uma rádio comunitária-educativa, integrando a UERJ em Duque de Caxias – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) – e a comunidade local organizada, do bairro de Vila São Luís.

Palavras-chave: rádio comunitária; trabalho imaterial e *ritornelo*; educação; movimentos sociais.

A experiência de rádios comunitárias no estado do Rio de Janeiro aponta um potencial pouco explorado na dinamização da vida político-sócio-cultural no plano local e nas suas perspectivas educativas. Nosso projeto pretende integrar experimentalmente estes dois universos: o da dinâmica inovadora que agencia os processos de constituição das rádios locais e o desenvolvimento de recursos educativos, utilizando as tecnologias de gravação sonora e rádio por educadores em formação e comunicadores locais.

Partimos da premissa de que o som e a escuta podem ser mais bem explorados como espaço

de estimulação da inteligência (Bayle, 1993); que a educação/comunicação/integração comunitária pelo rádio poderá ter seus resultados potencializados através do desenvolvimento de possibilidades inexploradas do próprio veículo – seus tempos, seus timbres, as possibilidades de novas narrativas textuais, sonoras e sonoro-musicais.¹

* Professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense e LABORE/NIESC [desenvolver sigla] - UERJ).
E-mail: costamaurosa@ax.apc.org [confirmar e-mail].
Acho que o provedor agora é alternext.com.br

Esta proposta é expressa claramente em todas as primeiras explorações do rádio, desde sua invenção e antes da fixação do modelo da rádio comercial. Desde Dziga Vertov e seu *Laboratório de Escuta*, de 1916, passando por Moholy-Nagy (1922) e Kurt Weil (1926), até a criação da música concreta na rádio francesa nos anos 50 por Pierre Schaeffer, Pierre Henry e outros, chegando até mais recentemente com as experiências de John Cage e William Burroughs/Brion Gysin.² Há um outro rádio abafado e embrutecido pelos interesses comerciais e/ou políticos de Estado cujos potenciais pretendemos explorar.

Nosso instrumento teórico é o conceito de “ritornelo”, de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), que propõe a precedência do caráter expressivo sobre o funcional nos comportamentos, e na constituição de territórios – em qualquer *socius* emergente, com especial relevo para o fator sonoro-musical; e os conceitos de “trabalho imaterial” (Lazzato, 1996)³ e *general intellect* (Marx) discutidos por Antonio Negri, Michael Hardt, Maurizio Lazzarato (2000), Antonela Corsani (2000) e Giuseppe Cocco (2000).

Nosso projeto está em andamento. A partir de agosto de 2000, contamos com três bolsistas de Iniciação Científica (UERJ e Faperj; dos colaboradores, ativistas da rádio comunitária em formação, em Vila São Luís, Duque de Caxias; e desde a concepção do projeto, com o apoio de Wallace Hermann, ex-secretário geral da ArLivre (Associação de Rádios Livres e Comunitárias do Estado do Rio de Janeiro), e atualmente coordenador do *pontocomsaude*, programa sobre DST/Aids para rádios comunitárias, financiado pelo Ministério da Saúde.

Existem, atualmente, em torno de 800 rádios comunitárias transmitindo em todo o estado do Rio de Janeiro, sendo cerca de 80 somente na Baixada Fluminense. Estas rádios alcançam de dez mil a duzentos mil ouvintes, dependendo de sua localização, das condições topográficas e da potência de transmissão. Há, evidentemente, muitas rádios com fachada de comunitária encobrendo pequenos interesses comerciais ou de políticos nas suas áreas eleitorais, além do proselitismo religioso. Mas o número e a qualidade das autenticamente comunitárias fazem valer a diferença.

As autenticamente comunitárias são centros culturais populares, com intensa circulação

de moradores, sendo, muitas vezes, o único meio de comunicação social de que dispõem. Operadas pela comunidade, utilizam uma linguagem com a qual os indivíduos daquela região se identificam. Há desde pequenas rádios ligadas a uma só associação de moradores, fortalecendo a solidariedade entre vizinhos e a consciência da importância da organização política local (Mangueira, Cantagalo, entre outras); rádios associadas a ONGs com preocupações específicas, como a Onda Livre (S. João de Meriti), ligada à FASE; ou a Rádio Bicuda, ligada à ONG Bicuda Ecológica (Vila da Penha), a Rádio Revolução (projeto do Centro Comunitário do Hospital Pedro II, centro de convivência de grupos variados, incluindo pacientes do hospital); até rádios de redes de associações de moradores, ONGs, Og's, etc., como a Novos Rumos, a rádio de maior audiência do município de Queimados.

Há certamente um caráter inovador, do ponto de vista político, no movimento das rádios livres e comunitárias, efeitos sensíveis na variedade dos modos de organização e objetivos da mídia comunitária, que a diferenciam da mídia comercial e concentrada. Quem faz essas rádios? Este é um outro aspecto: a formação de um novo tipo de comunicador social, de origem não acadêmica, com uma preparação, objetivos e funções bem diversas das do comunicador profissional. Sua entrada nesta prática de comunicação deu-se, em geral, movida, inicialmente, pelo interesse na atuação política e social na comunidade. Como afirma Cocco (2000, p. 116):

O fazer e o agir se recompõem numa ação que se torna produtiva a partir de um recurso público que não é dado pela erudição científica de uma específica figura de trabalhador, mas pelas atitudes genéricas da mente, isto é, pela capacidade de produção lingüística, de aprendizado, de comparação e de auto-reflexão. O *General Intellect*, isto é, o intelecto em geral, é a ‘partitura’ do trabalho imaterial como faculdade social geral que torna possível cada composição.

Estes comunicadores compõem estas novas formas de socialidades cujo regime diverge tanto dos regimes econômicos de produção - empresa, fábrica, escritório -, quanto dos regimes políticos de associação já instituídos. O disparador destas formas é, em termos de conteúdo, algo que não se apresenta imediatamente como “trabalho”, na

concepção industrial capitalista - mas que tem como principal finalidade a tessitura de uma rede social específica.

A dinâmica desta rede - e é isto que tentaremos avaliar - estabelece espontaneamente um outro regime de produção e distribuição de riqueza que exige uma mudança conceitual na compreensão do que é trabalho, produção econômica, e organização do acesso a serviços como educação, saúde, cultura e lazer, fora do regime de mercado ou do controle do Estado.

Para a compreensão deste regime ao mesmo tempo econômico, produtivo, político, cultural e educativo, recorreremos ao pensamento do grupo de filósofos, economistas, sociólogos, antropólogos, reunidos na revista *Multitudes* (Exils, Paris) e representados no Brasil por Giuseppe Cocco (2000, p.113-115) (LabTeC - CFCH/UFRJ), que afirma:

No pós-fordismo, as tarefas do trabalho não consistem mais na execução de um fim particular, mas em modular, variar e intensificar a cooperação social, isto é, o conjunto de relações e conexões sistêmicas que constituíam a base da produção de riqueza. (...) o trabalho acabou absorvendo as características distintivas da ação política, uma vez que o modo de produção contemporâneo integra, como força produtiva fundamental, uma intelectualidade de massa que se tornou social, isto é, pública. (...) [O] trabalho imaterial é a figura historicamente determinada dessa reconcretização do trabalho por meio da mobilização das condições gerais de sua socialização. O trabalho imaterial qualifica-se como forma de ação que consegue atualizar a virtualidade geral acumulada pelo conjunto das redes de cooperação produtiva, nas quais o sistema técnico das redes informáticas e de telecomunicações constitui um elemento essencial, mas não substitutivo da realidade social e comunicativa que o pressupõe.

A participação na criação, produção, gestão coletiva, de uma rádio comunitária, exige dos educadores - nossos alunos na FEBF - a compreensão dos aspectos funcionais, práticos e ideativos desse novo regime de produção/e/política. Sua função na rádio é mais ampla do que a de um educador utilizando o rádio como recurso auxiliar à educação escolar, ou profissional. Sua prática, na rádio, levará à experiência da complexificação da função de educador neste novo

regime produtivo e à percepção do lugar fluido e contínuo em que se manifestam - e deverão, cada vez mais, se manifestar - as tarefas educativas, com o mesmo caráter de fronteiras pouco definidas que as outras funções sociais como a administração, a produção maquinica, a comunicação e o consumo.

Se a sociedade inteira participa da produção de riqueza e se é cada vez menos possível distinguir as fases de produção das de consumo, o tempo de trabalho do tempo da vida, necessitamos então de conceitos novos, que não fiquem presos ao tradicional dualismo que separa trabalho intelectual e trabalho manual (...) a integração dos ciclos de produção e de reprodução tende a eliminar toda diferença possível entre o tempo de trabalho e o tempo de vida, entre as atividades produtivas e as atividades improdutivas. (Cocco, 2000, p. 104; 108)

O outro instrumento conceitual que nos serve é o do "ritornelo", de Deleuze e Guattari (1995). O ritornelo é um conceito com uma arquitetura bastante singular, perturbadora. Ele integra, e, naturalmente, desfaz as fronteiras entre os campos do político, da subjetivação (tratá-los juntos cria algo como "os modos da gênese de *socius*"), e o do sonoro e musical - assim a música funcionando como *ethos*, casa ou território. Faz isso com inspiração na etologia animal, nos relocando como espécie entre os "mamíferos superiores" - resgatando "e refazendo" nossa existência enquanto corpos e comportamentos com tanto em comum não só com os "mamíferos superiores", mas com a categoria mais ampla dos animais territoriais - que inclui a maior parte dos pássaros e inúmeras espécies de peixes. É preciso ser humilde como um yorubá, ou um tupi, diante de nossos outros irmãos "animados".

É através de um ritornelo, de preferência sonoro-musical (pois há ritornelos gestuais, pictóricos, olfativos, etc), que nós, mamíferos dotados de linguagem articulada, assim como os demais mamíferos - cães, lobos, gatos, coelhos, macacos, baleias e tantas espécies de pássaros, marcamos nosso território. Somos animais territoriais, aqueles que se enfrentam, individualmente ou em grupo, dentro da mesma espécie, para estabelecer uma área de moradia, conquistar parceiros sexuais, locais de produção, área para coleta de alimentos, ou outros territórios expressivos, cuja função pode ser muito pouco evidente (Deleuze e Guattari, 1995).

Segundo a concepção de Deleuze e Guattari, este comportamento sonoro-político estaria na origem das práticas musicais humanas - canções tribais, hinos, escalas, modos de cada templo grego, hindu ou yorubá - e continuariam presentes nos hinos dos times de futebol, nos temas de todas as galeras, nos bailes *funk* no Rio de Janeiro; no hábito de fazer samba de “fundo de quintal”, nos subúrbios e morros cariocas; nos adolescentes continuamente pendurados em seus *walkmans*.

Não só a música, todas as formas de arte, segundo eles, seriam comportamentos demarcadores de território. A música, no entanto, teria uma estranha precedência. Isto parece, à primeira vista, uma concepção reducionista das artes: a arte como função territorializante. Na verdade, amplia a compreensão da arte, quando mostra que pelo fator do ritornelo, todos os comportamentos humanos (como dos demais animais territoriais) são primordialmente expressivos, e faz a crítica das concepções funcionalistas tanto na etologia animal quanto na etnologia. Os comportamentos são primeiramente expressivos: os hinos e as bandeiras constituem um povo e um exército, antes (como primeiro movimento) do desejo de conquista de novos territórios; as marcas, os *jingles*, o estilo dos diversos produtos de consumo na guerra pelos mercados. Tudo - comércio, guerra, conquista territorial, religiosa ou amorosa - começa com a arte.

Como os etólogos, Deleuze e Guattari desenvolvem conceitos estritamente musicais, mas que vão servir para o estudo de comportamentos os mais diversos, como por exemplo, os conceitos de *personagem rítmico* e *paisagem melódica*. Tanto na experiência íntima individual como na grupal, coletiva, é o personagem rítmico e suas variações que definem a direção e o sentido do “texto”, do “acontecimento”, a “enunciação”, enquanto ele é freqüentemente vivido como um dado “ambiental”, não-percebido, naturalizado, e dirige a atenção consciente do “ouvinte” para a paisagem melódica que está pontuando, ritmando. Este é o truque que faz com que se escute a voz de determinados locutores de rádio ou apresentadores de televisão, verdadeiros escândalos morais, sem a reação “animal” esperada. Aprender a *escutar* - os timbres, os pulsos, os ritmos - como função política.

Há um lugar da gênese da noção de ritornelo: quando Guattari (1988) analisou em Proust, *Um amor de Swann*, o desenvolvimento do composto complexo de uma pequena frase musical - “a pequena frase de Vinteuil” -, o rosto da amante de Swann, Odete, e a paisagem do bosque de Boulogne. Como se territorializar em um rosto, em um lugar, tendo como cimento uma pequena frase musical? Todos nós temos essa experiência: frases musicais associadas a lugares e situações vividas com intensidade, às quais remetemos, sempre que voltamos a ouvi-las... estranhos poderes do som.

A ênfase de Deleuze e Guattari sobre o “musical” na construção do conceito de ritornelo, precisa, no entanto ser ampliada. Ou o conceito de “música” precisa ampliar-se, para incluir toda experiência de escuta não só dos sons musicais. A fotografia e o cinema (registros determinados da imagem visual) não levaram muito tempo para se incorporarem ao espaço do que o Ocidente chamava de “arte”. O mesmo não aconteceu com os modos de registro dos acontecimentos sonoros. Desde o início, com pouquíssimas exceções, só se considerou “digno” registrar acontecimentos musicais, embora vivamos cercados continuamente por acontecimentos sonoros tão diversos quanto as “imagens” do mundo, e possamos igualmente cria-los ou sintetiza-los a partir de nossa vontade de expressão.

A facilidade com que os agentes da comunidade de Vila São Luís, sem nenhuma experiência nos conceitos da música contemporânea, da acusmática de François Bayle (1993), ou da ecologia acústica de Murray Schafer (1991) receberam o conceito de “paisagens sonoras”, e a idéia da gravação de paisagens sonoras locais para uso como vinhetas e paginação (pequenos ritornelos) da rádio funcionou, para nós, como positivador desse caminho aparentemente estranho que escolhemos para a pesquisa da escuta como espaço de estimulação da inteligência.

Os métodos de educação da escuta e do levantamento da paisagem sonora local, desenvolvidos por Murray Schafer (1991), encontram-se no horizonte da concepção do ritornelo. Colaboram, ambos, para a construção de “marcas” culturais - ou marcadores de “identidade cultural” - em um plano sensorial ou estético bastante refinado. É claro, sua eficácia depende de serem

seus agentes moradores locais, e de tratá-los como ouvintes atentos e criadores. Os recursos estético-cognitivos desenvolvidos no âmbito da música acusmática, por François Bayle (1993), servem como um repertório de engenharia e *design* para o desdobramento desse processo, para a criação de linguagens e estilos, a partir destas “marcas”.

Entendemos estilo, criação de linguagens, como criação de “modos de ser”, dentro da concepção do “ritornelo”, tratando as formas de expressão como primeiras em relação aos demais planos - da produção, da comunicação, do comércio, das políticas. É como se os recursos estilísticos, os recursos de linguagem, e outros elementos narrativos de uma rádio local, associada à comunidade, funcionassem de modo simultâneo, como *relés*, ou transdutores, na montagem de *socis* determinados. Na formulação de Deleuze e Guattari, o “ritornelo”, a frase melódica (ou sonora, para nós, não obrigatoriamente melódica ou musical) que marca o território, é *ethos*, ao mesmo tempo um comportamento, um “modo de ser” e um lugar, uma morada.

No momento, estamos no processo de construção do projeto, a partir dos instrumentos que apresentamos anteriormente. Criamos uma rádio local, comunitária-educativa, com grupos diversos da comunidade do bairro de Vila São Luís e grupos associados à Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBEF/UERJ). Seguimos a sistemática de instituição de rádios comunitárias sugerida pela ArLivre (hoje, Federação das Associações de Rádios Comunitárias do Estado do Rio de Janeiro - Farc) e da legislação vigente de telecomunicações - Norma nº 2/98 - Norma Complementar do Serviço de Radiodifusão Comunitária.

A Associação de Moradores de Vila São Luís foi o principal agente na organização do grupo de entidades que se uniu para fundar a Associação Comunitária que sediará a rádio. Desta Associação fazem parte, além da Associação de Moradores, a Associação dos Pescadores do Porto da Chacrinha, a União da Juventude Socialista da Baixada Fluminense, a Igreja Evangélica Boas Novas, o Centro Espírita Discípulos de Tiago, o Ministério dos Cavaleiros de Cristo, além do Centro Acadêmico Henfil - diretório estudantil da FEBF -; o Pré-Vestibular Comunitário Vila São Luís - curso de pré-vestibular gratuito, com orga-

nização própria e que funciona no interior da FEBF; e o Laboratório de Rádio UERJ/Baixada - Vila São Luís.

Começamos as atividades da Associação com um curso de voz e interpretação dramática para os participantes da FEBF e os demais grupos integrados à rádio, ministrado pelo ator e diretor teatral Gilson Moura, com apoio da SR-3. O curso foi realizado na sede da Associação de Moradores de Vila São Luís, a partir de outubro de 2000. Após as aulas, se faziam as reuniões da rádio, com a presença freqüente de outras pessoas da comunidade interessadas no projeto. Depois de algumas dessas sessões, percebemos que as conversas poderiam ser gravadas, e, algumas delas, editadas, se tornariam *talk-shows*, programas de conversa no rádio. O primeiro programa editado foi sobre “a expansão do *funk* e sua apropriação pela mídia comercial no Rio de Janeiro”; o segundo, sobre a questão das drogas, do vício e do narcotráfico e sua repressão; o terceiro, sobre a experiência de pais e professores presentes em relação à escola, as dificuldades vividas por ambas as partes e suas crianças - filhos e alunos.

A idéia de transformar a conversa da reunião em *talk-show* surgiu do convite de outra rádio comunitária, para que criássemos um projeto para sua programação. Mas surgiu, igualmente, de nossa percepção da riqueza e variedade de pontos de vista (pontos de escuta), personagens rítmicos, que tínhamos espontaneamente reunido. O fato de estar em uma reunião informal, em que todos têm igual direito à fala, em que não há um coordenador definido da discussão; e o papel que cada um tem não corresponde a um perfil ou função determinada de poder político, competência profissional específica, ou lugar - e nome - marcado no mundo da mídia - esta horizontalidade, sem os especialistas e os poderosos determinados, cria uma atmosfera completamente diferente na discussão. Isto foi facilmente percebido em uma audição específica de um dos programas, para os alunos e a comunidade, durante a Semana de Pesquisa e Extensão da FEBF, no final de junho de 2001. Trata-se de uma “lição de democracia direta”, comparada à “farsa de diálogo livre com função de controle social”, dos *talk-shows* das rádios comerciais.

O equipamento que estamos utilizando para a edição dos programas está instalado na UERJ

Maracanã, no LABORE/NIESC⁴, onde criamos um programa de pesquisa em arte contemporânea e mídia – a Oficina Híbridos – integrando vários artistas/professores da UERJ – o compositor Antônio Jardim, e os artistas plásticos Cristina Pape e Ricardo Basbaum – professores do Departamento de Educação Artística; e Sônia Virgínia Moreira, da área de rádio-jornalismo da Faculdade de Comunicação e do CTE. Mas o equipamento utilizado inicialmente para treinar as equipes de rádios comunitárias nos foi cedido pelo projeto pontocomsaude, de Wallace Hermann. Contamos igualmente com o apoio do CTE, através da Professora Sonia Virginia Moreira, que organizou a primeira capacitação para nossa equipe - alunos e representantes da comunidade de Vila São Luís - no estúdio do CTE, no início da pesquisa.

A idéia de integrar a pesquisa experimental em linguagem radiofônica com a prática das rádios comunitárias pode representar um avanço importante tanto para o enriquecimento de linguagem nos movimentos sociais quanto para a eficácia de suas ações educativas. Contamos com a colaboração da turma da rádio experimental no Brasil, como Janette el Haouli (diretora da Rádio Universidade FM da Universidade Estadual de Londrina), Regina Porto (ex-Rádio Cultura de São Paulo); Francisca Marques (mestranda na Escola de Música da UFRJ); assim como do compositor eletroacústico Rodolfo Caesar (Escola de Música da UFRJ), que faz parte do conselho científico da Oficina Híbridos.

Pretendemos poder realizar um pouco do que Murray Schafer (1998) me respondeu, de forma talvez ingênua, mas muito bonita, em uma entrevista:

(...) você está falando de um tipo de rádio de *agit-prop* nas favelas, no Brasil. Se você olhar o movimento *agit-prop* dos comunistas, no início da revolução, era um movimento educacional. Eles (...) promoviam uma aproximação didática com as idéias, com a filosofia, com as idéias políticas, mas também com a poesia, com as novas direções nas artes... estou falando dos anos 20 na Rússia, antes de Stalin... quando havia muita excitação, e os artistas contemporâneos faziam parte do movimento socialista... Eu acho que essa revolução de que você está falando - se é uma revolução - precisa se nutrir da força das artes contemporâneas e do pensamento

contemporâneo. Não é só uma coisa de políticos, com seus motivos para tomar o poder... tirar daqui e botar ali. Acho que isso deve ser um movimento mais amplo. Como fazer isso, eu não sei. Você sabe, eu já estou muito velho para isso. Se tivesse trinta anos, adoraria me envolver..

Notas

1. "Ouvir e escutar. Entrevista com François Bayle, compositor e diretor do INA/GRM (Paris)", in Ruth Scheps (org) *O Império das Técnicas*, Papyrus, Campinas, 1996.
2. Para todas essas referências, ver Douglas Kahn, Gregory Whitehead (orgs.) *Wireless Imagination. Sound, radio and the avant-garde*. MIT Press, Cambridge, London, 1992.
3. "O conceito de trabalho imaterial refere-se a dois diferentes aspectos. O primeiro está relacionado ao 'conteúdo informacional' da mercadoria (...) onde as habilidades envolvidas no trabalho (industrial ou de serviços) incluem crescentemente a cibernética e o controle computacional. O segundo, é relativo à atividade que produz o 'conteúdo cultural' da mercadoria, o trabalho imaterial envolve uma série de atividades que não são comumente reconhecidas como 'trabalho' (...) atividades que definem padrões culturais e artísticos, modas, gostos, normas de consumo, e mais estrategicamente, a opinião pública". (Lazzarato, 1996, p. 132).
4. Esta Norma tem por objetivo complementar as disposições relativas ao Serviço de Radiodifusão Comunitária – RadCom, instituído pela Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998.
5. LABORE é o Laboratório de Estudos Contemporâneos, que pertence ao Núcleo de Investigações e Estudos de Conjuntura da UERJ (Niesc).

Referências Bibliográficas

- BAYLE, François. *Musique acousmatique... propositions...positions*. Local: INA/GRM, 1993.
- _____. OUVIR e escutar: entrevista com François Bayle, compositor e diretor do INA/GRM (Paris). In: SCHEPS, Ruth (Org). *O Império das técnicas*. Campinas: Papyrus, 1996.
- COCCO, Giuseppe. *Trabalho e cidadania*. Produção e direitos na era da globalização. São Paulo: Cortez, 2000.
- COSTA, Mauro Sá Rego. Murray Schafer fala de paisagens sonoras e do rádio como arte, educação e política, numa entrevista a Mauro Sá Rego Costa. *Pesquisa e Música*, Rio de Janeiro, v.4, n.1, dez. 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: ed. 34, v. 1,4, 1997.
- GUATTARI, Felix. *O Inconsciente maquínico*. Ensaios de esquizo-análise. Tradução de Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papyrus, 1988.
- KAHN, Douglas; WHITEHEAD, Gregory (Org.) *Wireless imagination*. Sound, radio and the avant-garde. Cambridge: MIT Press, 1992.

LAZZARATO, Maurizio. Immaterial labor. In: VIRNI, Paolo; HARDT, Michael. *Radical thought in Italy. A potential politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

SCHAFER, Murray. *O Ouvido pensante*. Tradução Marisa Fonterrada et al. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. *Hacia una educación sonora*. Tradução Violeta Gainza. Buenos Aires: Pedagogias Musicales Abiertas, 1994.

_____. *A afinação do mundo*. Uma exploração pioneira. São Paulo: Unesp, 2001.

TRUAX, Barry (Ed.) *Handbook for acoustic ecology*. World Soundscape Project. Canada: 1997. The Music of the Environment Series, n. 5.

Abstract

The text approaches the concept of community/educational radio in a transverse way, using the notions of Negri, Lazzarati and Cocco's Political Philosophy – *immaterial work, general intellect, etc* – which integrate political and social action, producing and consuming culture and/or goods, associated with Deleuze and Guattari's concept of *ritornello*, and contemporary theories on "hearing" offered by Murray Schafer and François Bayle. This theoretical basis is applied so as to approach the movement of community radios in Rio de Janeiro, and, particularly, the experience of creating a community-educational radio, promoting the partnership between the School of Education of UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), in Duque de Caxias, and the organized local community of Vila São Luís.

Keywords: community radio; immaterial work and ritornello; education; social movements.

Entrada: 20/07/2001

Aprovação: 25/06/02

